

□ Tempo de leitura: 13 min.

Francisco de Sales, bispo de Genebra no século XVII, revolucionou a espiritualidade cristã ao propor uma “devoção civil” acessível a todos, não reservada apenas a monges e contemplativos. Sua obra mais célebre, a “Introdução à Vida Devota” (Filoteia), ensina que a verdadeira devoção não consiste em práticas exteriores ou atitudes afetadas, mas em um amor autêntico a Deus e ao próximo, vivido com alegria nas ocupações cotidianas. Opondo-se à concepção que relegava a santidade aos mosteiros, Francisco de Sales demonstra que militares, artesãos, cônjuges e príncipes podem todos aspirar à perfeição cristã. Sua devoção é inteligente, discreta e alegre, perfeitamente integrada à vida social, transformando a religião em uma presença viva no mundo, em vez de uma fuga dele.

Dirigindo-se a Filoteia a propósito da vida de relacionamento no mundo, Francisco de Sales lhe dá o seguinte conselho: «Ir à caça de conversas, fazer de tudo para evitá-las são dois extremos igualmente reprováveis, do ponto de vista daquela devoção civil da qual estou falando». Essa insistência na «devoção civil» foi o que mais impressionou, ao que parece, os leitores antigos e modernos da “Filoteia”, porque revela a intenção profunda do autor de formar não apenas cristãos fervorosos, mas também bons cidadãos da cidade terrena.

Verdadeira e falsa devoção

No início do século XVII, o substantivo *devoção* ainda não tinha o significado fraco e depreciativo que assumiria com frequência. Um devoto ainda não era um beato ou um hipócrita. Isso não impede que Francisco de Sales tenha se sentido obrigado a descartar várias falsas interpretações da devoção que já eram comuns em seu tempo:

Quem é inclinado ao jejum se julgará um bom devoto porque jejua, mesmo que talvez seu coração esteja cheio de rancor; e embora por razões de sobriedade não ouse tocar com a língua um pouco de vinho e nem mesmo um pouco de água, não hesita, contudo, em mergulhá-la no sangue do próximo com a maledicência e a calúnia. Outro se julgará devoto porque recita uma grande quantidade de orações todos os dias, mesmo que depois sua língua transborde de palavras inconvenientes, arrogantes e injuriosas entre servos e vizinhos.

Todos esses indivíduos, continuava o autor da *Filoteia*, são comumente considerados devotos, mas não o são de modo algum; são apenas «estátuas e fantasmas de devoção». É preciso acrescentar que não são os rostos quaresmais

que fazem os santos. Atribui-se a Francisco de Sales, e não sem razão, a resposta que teria dado um dia a respeito de um homem santo que tinha sempre um ar triste: «Se um santo é triste, é um triste santo».

Quando a devoção é afetada e bizarra, é falsa. O próprio Francisco de Sales se repreendia por ter caído nisso uma vez, no período da adolescência:

Quando eu era jovem estudante nesta cidade, tomou-me um grande fervor e um grande desejo de ser santo e perfeito; pensava que para tal fim era necessário que eu inclinasse a cabeça sobre o ombro ao rezar as Horas, porque assim fazia outro estudante que era verdadeiramente santo, e o fiz por um tempo com esmero, sem por isso me tornar mais santo.

Em que consiste, então, a verdadeira devoção? Ela não é outra coisa senão «uma agilidade e vivacidade espiritual em força da qual a caridade realiza suas ações em nós, ou nós através dela, com prontidão e afeição»; ou ainda, ela é «uma inclinação geral e uma prontidão do espírito para fazer aquilo que julgamos agradável a Deus». É um amor a Deus que aspira à perfeição. A devoção é um fogo interior.

A religião ao alcance de todos

O sucesso de Francisco de Sales consistiu em colocar a vida espiritual ao alcance de todos, com uma linguagem clara, adequada à sensibilidade da época. De fato, se a devoção é amor, amor a Deus em primeiro lugar, mas também e com um mesmo movimento, amor ao próximo, ela é acessível a todos, em todas as situações.

A «devoção civil», que ele ensina e propaga, leva em conta todos os aspectos da realidade humana, sobre a qual exercerá uma benéfica influência. O autor da *Filoteia* chega a lançar a palavra *heresia* para denunciar uma atitude que lhe parece incompatível com uma visão equilibrada das realidades sociais e com a vida cristã: «É um erro, ou melhor, uma heresia querer banir a vida devota da companhia dos militares, da oficina do artesão, da corte do príncipe, da vida cotidiana dos casais». Para levar uma vida cristã autêntica, não é indispensável retirar-se do mundo, ir para o deserto ou entrar em um mosteiro. Dirigindo-se a Filoteia, ou seja, a toda pessoa que quer amar a Deus, o autor se propôs a traçar-lhe um caminho de fervorosa vida cristã em meio ao mundo, ensinando-lhe como é necessário usar as próprias «asas para voar» nas alturas da oração e, conjuntamente, os próprios «pés para caminhar junto com os homens em santa e amigável conversação».

Em seu livro encontramos, de fato, uma quantidade de conselhos e ensinamentos sobre assuntos que, antes dele, a literatura espiritual havia abordado pouco, como

a vida de todos os dias com seus problemas, suas tarefas e questões relativas ao casamento, às relações sociais, às roupas, ao lazer, ao jogo, à dança ou às amizades. De modo mais geral, reconheceu-se que o bispo de Genebra teve o mérito de fazer a religião entrar na vida e a vida na religião.

A devoção é boa «tanto para os homens quanto para as mulheres», lê-se no prefácio do *Teótimo*. Filoteia é um nome feminino escolhido para designar toda alma que aspira à devoção – escreve ele –, acrescentando com uma ponta de ironia que «os homens também têm uma alma como as mulheres».

Por outro lado, a devoção não depende do «temperamento natural». Há pessoas que têm «o coração inclinado ao amor», para as quais «é fácil querer amar a Deus», mas elas correm «o perigo de amar mal [porque seu amor] está ligado à facilidade de amar». Outras têm «a alma ácida, áspera, melancólica e carrancuda»: seu amor será «mais válido e louvável, assim como o outro será também mais gracioso e delicioso». Todas essas pessoas dotadas de um temperamento diferente «sem dúvida amarão a Deus na mesma medida, mas não da mesma maneira».

Uma devoção inteligente e discreta

A devoção do cristão deve ser «inteligente» e é preciso entender as orações que se reza: «Desejo que tenhais uma tradução francesa de todas as orações que recitardes – escrevia Francisco de Sales à baronesa de Chantal –. Não quero que as digais em francês, mas sim em latim, o que favorece a devoção, mas quero que conheçais de alguma forma o sentido das orações que recitais». Ele dará o mesmo conselho a Filoteia na *Introdução à Vida Devota*, acrescentando uma advertência contra os excessos da devoção verbal, “porque um só *Pai-Nosso* recitado com sentimento vale mais do que muitos recitados às pressas”.

Para compreender a própria religião, o cristão que vive no mundo deve se formar. Como diretor espiritual, Francisco de Sales recomendava a escuta da palavra de Deus durante a pregação e a leitura de obras úteis à formação espiritual, como a vida e as obras de Santa Teresa d'Ávila, bem como as de grandes autores espirituais de seu tempo. Se a leitura pessoal da Bíblia ainda não estava na ordem do dia para os católicos, contudo, um alimento abundante estava à disposição de pessoas desejosas de alcançar a perfeição cristã. O bispo de Genebra contribuiria para isso de maneira relevante, particularmente com a publicação da *Filoteia* e do *Teótimo*.

O cristão deve saber, de modo especial, que na vida espiritual o que conta antes de tudo é o interior. A devoção – dirá ele às visitandinas – deve ser «íntima, forte e generosa» (E I 1005). Se a pessoa devota se apaixona por práticas e exercícios a ponto de fazer disso o seu fim, se se veste deles como de um traje próprio da

vaidade humana, é preciso induzi-la a se desfazer deles, porque o amor verdadeiro a «despoja dos afetos mais prazerosos, como aqueles que sentia nas consolações espirituais, nos exercícios de piedade e na perfeição das virtudes».

Em tudo, mas sobretudo na devoção, é necessária a discrição. Cuidado com os excessos que irritam familiares e conhecidos: «Oh! como sereis feliz – escreve a uma de suas correspondentes – se observardes com cuidado a moderação que vos indiquei em vossas práticas religiosas, adaptando-as o máximo que puderdes às vossas ocupações domésticas!». «Regulai, antes de tudo, vossas práticas de piedade – escreve a outra conhecida – de maneira que a duração não fatigue vossa alma e não irrite as daqueles com quem Deus vos faz viver».

Eis aqui uma espécie de código da devoção civil, destinado a uma jovem esposa cujos desejos de perfeição corriam o risco de torná-la insuportável. Depois de lhe aconselhar a visitar alguns hospitais, a consolar e socorrer os doentes, ele lhe faz recomendações precisas:

Em tudo isso, tende o cuidado para que o senhor vosso marido, vossos criados ou os senhores vossos parentes não tenham motivo para se sentirem ofendidos porque passais tempo demais nas igrejas, viveis tempo demais retirada, negligenciais por tempo demais os cuidados da casa, ou, como às vezes acontece, julgais com demasiado rigor a conduta alheia ou desdenhais abertamente demais as conversas nas quais não são observadas escrupulosamente as regras da devoção. Em tudo isso, devemos ser dominados e iluminados pela caridade, que nos leve a secundar a vontade do próximo em tudo o que não é contrário aos mandamentos de Deus.

A devoção civil exige adaptar-se ao outro e não lhe fazer sentir qualquer superioridade espiritual. À madre de Chantal, que queria se dedicar demais ao jejum, e ela sozinha em meio às primeiras visitandinas, ele escreveu parafraseando São Paulo: «Devereis ser judeu com os judeus e gentio com os gentios, comer com os que comem, rir com os que riem».

Escolher os próprios modelos

Atenção! Há santos que levaram uma vida mais digna de admiração do que de imitação: «Não é algo assustador – escrevia ele – ver um São Paulo eremita, em pleno deserto, confinado em uma gruta como um selvagem, e que come apenas pão e bebe apenas água?». Todas as formas de ascese que são praticadas na solidão e no deserto não são aconselháveis a todos indistintamente. Não se pode, portanto, propor a pessoas do mundo modelos de devoção «puramente contemplativa, monástica ou religiosa»: é preciso escolher modelos de santos que

viveram «no estado secular».

Francisco de Sales não hesitava em buscar «santos» entre personagens do Antigo Testamento, como em particular, «Abraão, Isaac e Jacó, Davi, Jó, Tobias, Sara, Rebeca e Judite». Quem mais amável que o casal bíblico ideal, formado por Isaac e Rebeca, «o mais casto casal dos tempos antigos»? Eles «foram observados através da janela a se acariciarem de tal maneira que Abimelec pôde facilmente entender, embora não houvesse nada de desonesto naquilo, que não podiam ser senão marido e mulher».

Entre as figuras do Novo Testamento e os santos do cristianismo, ele escolhe em primeiro lugar «a santa Virgem, com São José, São Luís, Santa Mônica e cem mil outros que estão na falange daqueles que viveram no mundo». Ele elogia a «extraordinária Santa Madalena», «a rainha e a mestra de todas as perfumistas», bem como Santa Marta, a «cozinheira do nosso caro Mestre», da qual se diz «que preparava o pão de Nosso Senhor, que o acolhia em sua casa e se preocupava muito para que nada lhe faltasse».

O autor da *Filoteia* cataloga de bom grado os modelos cristãos segundo sua profissão: «São José, Santa Lídia e São Crispim foram perfeitos devotos em suas oficinas; Santa Ana, Santa Marta, Santa Mônica, Áquila e Priscila em seus casamentos; Cornélio, São Sebastião, São Maurício sob as armas; Constantino, Helena, São Luís, o beato Amadeu, Santo Eduardo em seus tronos». Quanto ao «grande São Maurício», ele destacará que este heroico soldado sofreu o martírio do coração antes daquele do corpo, porque «viu matar sob seus olhos toda a sua querida legião; e pode-se dizer que sofreu o martírio tantas vezes quantos foram os soldados que viu cair».

Santa Mônica, mãe de Santo Agostinho, é citada frequentemente como modelo de esposa, de viúva, de mãe e de educadora: «Com quanta firmeza ela perseguiu o empreendimento de servir a Deus, em seu casamento, em sua viuvez!». Como educadora foi admirável: «Enquanto estava grávida do grande Santo Agostinho, ela o consagrou várias vezes à religião cristã e ao serviço da glória de Deus, como ele mesmo afirma quando diz ter provado o sal de Deus desde o ventre de sua mãe». Quando o filho começou a seguir um mau caminho, ela «com grande fervor e grande perseverança lutou contra as más inclinações de Santo Agostinho, seguindo-o por mar e por terra, a ponto de fazê-lo beatamente mais filho de suas lágrimas, pela conversão de sua alma, do que fora filho de seu sangue pela geração de seu corpo».

No momento em que Filoteia se engaja na vida devota «sob a forma de uma eleição e de uma escolha», o autor da *Introdução à Vida Devota* lhe põe diante dos olhos não apenas «o cortejo dos virgens, homens e mulheres, mais brancos que o lírio»,

mas também «a assembleia das viúvas» adornadas de «santa mortificação e humildade», e sobretudo «a multidão de numerosas pessoas casadas que vivem tão docemente juntas e com respeito mútuo, o que não pode ser desvinculado de grande caridade»; e acrescenta: «Notai como estas almas devotas casam o cuidado de sua casa externa com o de seu íntimo».

«É preciso seguir as leis do mundo em que se está»

Um princípio geral do ensinamento salesiano diz: «Já que nos encontramos neste mundo, devemos seguir suas leis», sem, contudo, esquecer o acréscimo, «em tudo o que não é contrário à lei de Deus».

As leis do mundo são, antes de tudo, as leis da civilidade, da cortesia, da boa educação. O cristão deve ser cortês. A devoção, quando é verdadeira, é também verdadeira humanidade, sabedoria, tato, moderação, constância. Francisco de Sales declara com determinação: «Não quero de modo algum uma devoção fantástica, turbulenta, melancólica, ranzinza e triste, mas uma devoção doce, suave, agradável, pacífica e, em uma palavra, uma piedade extremamente franca, que se faça amar por Deus em primeiro lugar, mas também pelos homens». O respeito às regras sociais e às conveniências pode sofrer, por vezes, exceções, como no caso do rei Davi que «diante da arca da aliança dançou e se agitou um pouco mais do que o decoro exigia», mas era por causa da «extraordinária e desmedida alegria que tinha no coração».

Além disso, civilidade não significa duplicidade. É preciso ser sempre sincero e fazer com que o exterior corresponda ao sentimento íntimo, sem, contudo, se mostrar desagradável em sociedade sob o pretexto da «verdade» e da «franqueza».

O mundo, lembra Francisco de Sales quando usa este substantivo no significado ambivalente que tem na Escritura, é regido pela lei da tríplice concupiscência, ou seja, pelo desejo do prazer, dos bens e das honras. Ora, estas três realidades temporais não revestem fundamentalmente um valor negativo.

O prazer está ligado a certos atos e experiências tanto no nível dos sentidos quanto no nível de nossas faculdades superiores. Se o prazer não é desviado e é mantido em uma justa medida, e sobretudo se o desejo é legítimo e não se transforma em dependência e em escravidão, que mal há nisso? Até as irmãs da Visitação deverão acolher «com paz e doçura de espírito» não apenas toda sorte de «penas e de mortificação», mas também as coisas que encontrarem «totalmente agradáveis e plenamente conformes à sua vontade e necessidade, como beber, comer, repousar, recrear-se e coisas semelhantes, a fim de que, seguindo o conselho do Apóstolo, tudo o que fazemos, seja feito em nome de Deus e unicamente para agradá-lo». No que concerne aos bens do mundo, os cristãos devem cuidar deles mais ainda do

que as pessoas «do mundo», porque «os possuímos, mas não como nossos»: «Deus no-los deu para cultivar e quer que os façamos frutificar e ser úteis». Nem mesmo é proibido aumentá-los: «Tenhamos, pois, este cuidado cheio de graça pela conservação, e até mesmo pelo aumento de nossos bens temporais, quando uma justa ocasião se apresentar e na medida em que o nosso estado o requer, porque Deus quer que o façamos assim, por amor a ele». O cristão pode ter riquezas, mas não deverá se deixar «envenenar» por elas, ou seja, não deverá apegar-lhes o coração.

Quanto à busca de honras e de uma boa reputação, não está por si só em contradição com a humildade cristã bem compreendida. Cada um deve se esforçar para conservar seu bom nome, que é «um dos fundamentos da sociedade humana; sem ele não apenas somos inúteis, mas até mesmo prejudiciais ao público, por causa do escândalo que receberia». Consequentemente, «a caridade exige e a humildade aprecia que o desejemos e que o conservemos preciosamente». Ele nos servirá para não «ofender o olho dos bons» nem para «dar satisfação ao dos maus».

Testemunhas da alegria cristã

A crítica mais frequentemente dirigida à devoção é bem conhecida: «O mundo, minha cara Filoteia, difama o quanto pode a santa devoção, retratando as pessoas devotas com um semblante sombrio, triste e aflito, e espalhando por aí que a devoção as torna melancólicas e insuportáveis». Ao propor a um jovem o exemplo de São Luís (*rei da França, 1214-1270*), Francisco de Sales lhe mostra que este santo era «de bom humor» e que este rei sabia «rir amavelmente quando surgia a ocasião».

São numerosos os convites à alegria espalhados pelas cartas e escritos de Francisco de Sales. Não se acabará tão cedo de colher expressões como as seguintes: «Viva alegremente o máximo que puder»; «esteja sempre alegre»; «não se entregue de modo algum à tristeza»; «viva em paz e na alegria, ou ao menos esteja contente»; «desperte com frequência em si o espírito de jovialidade e de suavidade»; «nesta nossa breve peregrinação, vivamos alegremente, adaptando-nos aos gostos dos nossos anfitriões em tudo o que não for pecado»; «consERVE a santa e cordial alegria, que alimenta as forças do espírito e edifica o próximo»; «consERVE uma santa alegria de espírito, a qual, difundida com modéstia em suas ações e palavras, será de consolo para as pessoas que a virem»; «seja constante, corajosa e alegre, porque [a Bondade divina] lhe dá o dom de querer ser toda sua»; «viva plenamente contente diante de Deus»; «viva generosa, nobre e alegremente Naquele que é a nossa única alegria».

Por que procurar continuamente o que está errado? É um fato que, quando o espírito de contradição se torna sistemático, nada vai bem. Daí esta repreensão aos «irmãos rebeldes»: «Vós me forçais a dizer que procurais os esgotos e os lixões, em vez dos jardins e dos pomares». A realidade nos aflige? «É preciso deixar as aflições passarem pelo coração, mas não permitir que permaneçam nele». O mundo vai mal? Será preciso imitar os israelitas «que nunca puderam cantar na Babilônia, porque pensavam em sua terra»? Eu, diz Francisco de Sales, «eu gostaria que cantássemos em toda parte».

O cristão não se lamenta das imperfeições que descobre em si mesmo: «Todos gostaríamos de ser sem imperfeições; mas, minha caríssima Filha, é preciso ter paciência; nossa natureza é a humana, e não a angélica». Ele não ignora nada da nossa condição mortal, mas não quer assustar nosso espírito. Seu comportamento no caminho diário da vida seguia na mesma direção. Segundo Miguel Favre, seu secretário e confidente de todos os momentos, o bispo «tinha um natural jovial e gracioso, inimigo da tristeza e da melancolia; no entanto, mantinha um comportamento humildemente grave e majestoso, o rosto doce e sereno, acompanhado de uma contida reserva e de grande modéstia, nada desleixado ou desordenado em sua postura, nem expansivo demais nos momentos de alegria. Nunca manifestava uma feição triste, muito menos carrancuda, por mais que tivesse sido importunado, mas recebia a todos com um semblante muito sereno e contente». Era sua convicção que «Deus é o Deus da alegria».